

**NOTÍCIA EXPLICATIVA  
DA FOLHA 30-A  
LOURINHÃ**

**G. MANUPPELLA (COORDENADOR)  
M. T. ANTUNES  
J. PAIS  
M. M. RAMALHO  
J. REY**

**DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA  
INSTITUTO GEOLÓGICO  
E MINEIRO**

**LISBOA 1999**

## **VII – ARQUEOLOGIA\***

### **PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA**

#### **Paleolítico inferior e médio**

Na área interessada pela folha e ao longo do litoral, onde se observam diversos retalhos de praias quaternárias, sobretudo na sua metade meridional, têm sido encontradas, à superfície, indústrias líticas paleolíticas afeiçoadas em seixos rolados de quartzito e, mais raramente, de quartzo. Algumas dessas peças, recolhidas por elementos do GEAL (Lourinhã), correspondem a bifaces do Acheulense superior, de recorte clássico. Porém, a maioria integra-se no conjunto, monótono e homogéneo, das indústrias sobre seixos, representadas na fachada atlântica estremenha ao longo de todo o Paleolítico, as quais atingem, mesmo, tempos pós-paleolíticos.

---

\* Por João Luís Cardoso.

## Paleolítico superior

A ocupação humana do Paleolítico superior, ao longo da área hoje costeira, encontra-se documentada por testemunhos de diversos acampamentos temporários ao ar livre, cuja presença foi pela primeira vez assinalada por J. OLLIVIER (1943/44; 1947). A mais interessante de todas é a estação do Rossio do Cabo, cerca de 3 km para nordeste da praia de Santa Cruz, em zona dunar, há muito destruída aquando da instalação de uma carreira de tiro. As escavações, realizadas por Leonel Trindade, em 1950, puseram a descoberto um nível arqueológico, escavado em cerca de 20 m<sup>2</sup> de extensão, no qual se identificaram diversas estruturas de combustão (ROCHE & TRINDADE, 1951). As indústrias líticas foram então atribuídas ao Aurignhacense médio. Porém, J. ZILHÃO (1997, p. 846), que observou também os materiais da segunda campanha de escavações, jamais publicados, conservados no Museu Municipal de Torres Vedras, admitiu cronologia mais recente para o conjunto, que reputa homogéneo, atribuindo-o ao Magdalenense final, senão já ao Mesolítico.

Concomitantemente, procedia-se à ocupação de algumas grutas cársicas, conhecidas na região. Entre todas, avulta a gruta designada por Lapa da Rainha, situada em cornija calcária do topo da encosta esquerda do profundo vale aberto pelo rio Alcabrichel nos calcários do Jurássico superior, defronte da oficina de engarrafamento de águas do Vimeiro, implantada no sopé da encosta oposta.

O relato preliminar das escavações, realizadas nos finais da década de 1960, refere a existência de uma ocupação humana, então atribuída ao final do Mustierense ou início do Aurignhacense, tendo presentes as características pouco definidas da escassa amostragem recolhida.

Com efeito, a aludida ocupação deverá ter sido fugaz e pouco importante: a presença de nível contínuo e regular de coprólitos de hiena mostra que a cavidade foi, sobretudo, frequentada por estes predadores, que ali encontravam refúgio. Os restos paleontológicos destes e de outros mamíferos foram estudados por CARDOSO (1993). Outra intervenção, realizada em 1987, permitiu a recolha de artefacto considerado solutrense (ZILHÃO, 1997, p. 839); será, pois, a esta fase cultural que se reportará a ocupação arqueológica detectada. Duas datações de radiocarbono indicam a época de formação dos depósitos correlativos (CARDOSO, 1993):

ICEN 789 – 25 580 ± 1820; – 1490 BP; e ICEN 790 – 20 300 ± 300 BP.

## Epipaleolítico e mesolítico (s. s.)

A ocupação da faixa litoral actual, no decurso da subida do mar holocénica, está bem documentada na área em estudo. A estação da Ponta da Vigia, a sudeste da praia de Santa Rita, é disso exemplo, possuindo equivalentes em outras da região, mas já fora da área da folha. Tal como fora observado no Rossio do Cabo, o nível arqueológico, correspondente a paleossolo, desenvolvia-se imediatamente abaixo das dunas modernas, cuja mobilidade pôs a descoberto uma estrutura de combustão, observada e escavada em 1986, bem como a área envolvente. Os materiais líticos estão recolhidos em lareira contígua à primeiramente escavada. O resultado obtido foi o seguinte (ZILHÃO, CARVALHO & ARAÚJO, 1987):

ICEN 51 – 8730 ± 110 BP.

Tal cronologia é compatível com o período Boreal, tendo sido a primeira estação arqueológica de tal época a ser identificada no nosso país.

A presença de horizonte pedológico/arqueológico, de coloração acinzentada, estreitamente relacionado com a ocupação humana referida, no qual se encontram implantadas as estruturas arqueológicas escavadas, aflora em outros locais, ao longo do litoral a norte de Santa Cruz, possuindo, portanto, a expressão de unidade estratigráfica de significado regional, já assinalado por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945) e por JORGE (1972, p. 227). Em diversas ocasiões anteriores, ali se recolheram indústrias epipaleolíticas de características idênticas, hoje conservadas em diversas instituições: Museu Nacional de Arqueologia; Museu Municipal de Torres Vedras; e no GEAL (Lourinhã). A reforçar o significado regional deste horizonte pedológico, refira-se que FRANÇA, ZBYSZEWSKI & ALMEIDA (1961, p. 25) tinham já assinalado, a norte de Santa Cruz, e na mesma posição estratigráfica, “a presença de vários cinzeiros e fundos de cabana do Paleolítico Superior”, provavelmente os mesmos, entre outros, que foram objecto da escavação de 1986.

Ao Mesolítico poderá pertencer um concheiro seccionado pela estrada de Vimeiro a Toledo, assinalado por FRANÇA, ZBYSZEWSKI & ALMEIDA (1961), cujas características e idade ainda não se encontram reconhecidas em pormenor.

## PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

### Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze

Na área da folha, foi reconhecida a presença de um povoado pré-histórico de altura, neocalcolítico, em Maceira (Vimeiro), ainda que dele se saiba apenas a localização (SPLINDLER, 1970, Est. IV); outros *habitats* da mesma época pontuam algumas das elevações da região, sendo de escassa importância, talvez em parte mais aparente do que real, atendendo à falta de trabalhos de campo e de publicações. Nas imediações daquele povoado, abrem-se duas grutas naturais, no topo da encosta direita do rio Alcabrichel. Trata-se da “Pedra do Sino”, a montante do edifício das Termas e da “Gruta do Sapateiro”, situada por cima da piscina. A primeira parece desprovida de interesse arqueológico. A segunda, explorada por Nery Delgado em 1879, forneceu diverso espólio arqueológico, estudado muito depois (ZBYSZEWSKI & VIANA, 1949). A tipologia dos materiais reproduzidos na referida publicação indica a ocupação da gruta no decurso do Calcolítico Pleno da Estremadura e, sobretudo, na Idade do Bronze, salientando-se a presença das características cerâmicas de “ornatos brunidos” do Bronze final. Escassos ossos humanos atestam o aproveitamento da gruta como necrópole pré-histórica.

Outras grutas naturais revelaram presença de materiais da mesma época: é o caso da Gruta do Cerro, freguesia de Bolhos, com restos cerâmicos conservados no Museu Municipal de Torres Vedras (SPLINDLER *et al.*, 1973/74, p. 136).

Ao Neolítico final é reportável uma gruta artificial (do tipo hipogeu) da qual quase nada se sabe, explorada por Manuel Heleno junto ao Casal da Lapa, na margem esquerda do rio Alcabrichel, freguesia de A dos Cunhados (*cf.* BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, p. 391).

Enfim, a sepultura colectiva do tipo *tholos* de Pai Mogo, junto ao casal com o mesmo nome, revelou-se, ao contrário, do maior interesse para o conhecimento da arquitectura e espólios funerários do Calcolítico estremenho (GALLAY *et al.*, 1973). Situa-se em encosta suave, no limite setentrional da folha, perto do litoral, do qual dista cerca de 2 km, o qual é bem visível do local. Trata-se de monumento bem conservado, possuindo átrio exterior, corredor e câmara quase circular, com cobertura em falsa cúpula, e ainda *tumulus*, cujos vestígios são evidentes, embora não tivesse sido escavado. A sua

exploração, efectuada em 1971, proporcionou a recolha de copiosa colecção de objectos de calcário, de carácter mágico-simbólico, alguns deles únicos, a par de abundante espólio lítico, cerâmico, ósseo e metálico, conservado no Museu Municipal de Torres Vedras. A utilização funerária do monumento prolongou-se até ao Campaniforme, como se verifica por algumas das peças recolhidas. A cerca de 40 m de distância reconheceu-se, na mesma altura, outro monumento congénere, ainda não explorado.